

# A Contranarrativa da e sobre a Mulher Negra Gestante: uma contraposição ao a-historicismo estadunidense

*The Counter-Narrative of and about the Pregnant Black Woman: opposition to ahistoricism in the United States*

Telma Sueli Farias Ferreira



[amletffs@gmail.com](mailto:amletffs@gmail.com)

Universidade Federal de Campina Grande, PB, Brasil.

Manassés Moraes Xavier



[manassesmxavier@yahoo.com.br](mailto:manassesmxavier@yahoo.com.br)

Universidade Federal de Campina Grande, PB, Brasil.

## Resumo

As narrativas históricas dos *ingroups* formados por sujeitos brancos nos contam apenas uma única versão da história, ocultando toda experiência vivenciada pelo negro, tanto no passado como na contemporaneidade. Ademais, além da tentativa de emudecer nossa voz, o enunciado concreto-dialógico do branco busca apagar o elo entre as origens e a prática do racismo colonial e os crimes racistas da atualidade. Diante dessa realidade, intencionamos investigar sobre as relações dialógicas entre as contranarrativas de ex-escravizados e o dizer de gestantes negras na contemporaneidade, no tocante à realidade racista de violência obstétrica por elas vivenciadas nos Estados Unidos, indicando, portanto, a potencialidade do gênero discursivo contranarrativas como elemento adverso ao a-historicismo da branquitude hegemônica. Metodologicamente, pautamo-nos na Teoria Dialógica da Linguagem que nos oferece conceitos sobre dialogismo, signo e atitude responsiva ativa como categorias de análise. Para a investigação, o *corpus* desta pesquisa compreende as contranarrativas proferidas por mulheres negras grávidas: do ontem, ex-escravizadas (a partir do livro *Nascidos na Escravidão: depoimentos norte-americanos*); e do hoje, mulheres livres (com base em vídeos dos canais do youtube ABC News e *Indiscutível com o Dr. Rashad Richey*), que desvelam diferentes tipos de violência contra corpos femininos negros no momento do parto. A discussão teórica pauta-se em Tate (1997), Delgado (1998), Fiorin (2008), Bakhtin (2011 [1979]), Volóchinov (2019 [1926]; 2021 [1929]), Lister et al. (2019), Parron (2020), Arnold (2023), Odems et al., (2024), entre outros. Os resultados apontam para a relação entre os maus tratos de mulheres negras, durante o momento do parto, no contexto atual, e a violência e o descaso perpetrados contra as ex-escravizadas, reafirmando, portanto, que as relações dialógico-ideológicas são tecidas na arena discursiva de embates e de desacordos entre o negro e o branco estadunidense.

**Palavras-chave:** Racismo Médico; Mulher Negra Gestante; Parto; Contranarrativa; Dialogismo.



10.23925/2318-7115.2025v46i1e71387



## FLUXO DA SUBMISSÃO:

Submissão do trabalho: 23/04/2025

Aprovação do trabalho: 19/08/2025

Publicação do trabalho: 26/09/2025

## AVALIADO POR:

Eliane Fernandes Azzari (PUC-Campinas)

Tatiana Aparecida Moreira (IFES)

## EDITADO POR:

Luciana Kool Modesto-Sarra (PUC-SP)

## COMO CITAR:

FERREIRA, T. S. F.; XAVIER, M. . M. A contranarrativa da e sobre a Mulher Negra Gestante: uma contraposição ao a-historicismo estadunidense. *The Especialist*, [S. l.], v. 46, n. 1, p. 962–990, 2025. DOI: 10.23925/2318-7115.2025v46i1e71387.



## Abstract

The historical narratives of ingroups formed by white subjects tell us only one version of history, hiding all the experiences lived by black people, both in the past and in the present day. Furthermore, in addition to the attempt to silence our voice, the concrete-dialogical statement of white people seeks to erase the link between the origins and practice of colonial racism and the racist crimes of today. Given this reality, we intend to investigate the dialogical relations between the counter-narratives of former slaves and the statements of black pregnant women in the contemporary world, regarding the racist reality of obstetric violence that they experience in the United States, thus indicating the potential of this discursive genre as an element that is adverse to the ahistoricism of hegemonic whiteness. Methodologically, we are guided by the Dialogical Theory of Language, which offers us concepts about dialogism, sign and active responsive attitude as categories of analysis. For the investigation, the corpus of this research comprises the counternarratives uttered by pregnant black women: of the past, formerly enslaved (based on the book “Nascidos na Escravidão: depoimentos norte-americanos”); and free women of today (based on videos from ABC News and Indiscutible with Dr. Rashad Richey Youtube channels), who reveal different types of violence against black female bodies during childbirth. The theoretical discussion is based on Tate (1997), Delgado (1998), Fiorin (2008), Bakhtin (2011 [1979]), Volóchinov (2019 [1926]; 2021 [1929]), Lister et al. (2019), Parron (2020), Arnold (2023), Odems et al., (2024), among others. The results point to the relationship between the mistreatment of black women during childbirth in the current context and the violence and neglect perpetrated against enslaved women, thus reaffirming that dialogical-ideological relations are woven in the discursive arena of clashes and disagreements between black and white Americans.

**Keywords:** Medical Racism; Pregnant Black Woman; Childbirth; Counternarrative; Dialogism.

## 1. Introdução

A linguagem é fator crucial para as relações sociais humanas; no dizer de Volóchinov (2021 [1929], o, 219), “a interação discursiva é a realidade fundamental da língua”. Nesse sentido, o dizer de si, por meio de narrativas, é uma forma poderosa de situar-se no mundo discursivo-concreto. Entretanto, pautando-se na realidade de países que foram construídos a partir da ideologia estrutural racista através da colonização, apenas a branquitude compreende que tem o direito de narrar a história de sua nação. Contrapondo-se a essa inverdade, o sujeito pertencente ao outgroup da negritude apresenta sua narrativa enunciativa, isto é, sua contranarrativa *pravda*, que se opõe à verdade *istina*<sup>1</sup> do ingroup<sup>2</sup> da branquitude, na militância antirracista, conforme sinaliza a Teoria Crítica da Raça.

<sup>1</sup> Para o Círculo de Bakhtin, a verdade *istina* encontra-se no nível da universalidade, ciência, abstração e sistematização, portanto propõe-se irrefutável; já a verdade *pravda* ancora-se no escopo da vida cotidiana concreta, construída a partir das relações dialógicas tecidas entre os sujeitos em diferentes arenas discursivas.

<sup>2</sup> Apresentamos os termos outgroup e ingroup no tópico sobre contranarrativa.

Nesse sentido, considerando que o enunciado é a “*real unidade* da comunicação discursiva [...]”. Porque o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso”, e que ele é constituído a partir de enunciados outros que lhe antecedem, a filosofia bakhtiniana determina a dialogicidade nos discursos sociais como ponto fundante da língua(gem) por seu caráter essencialmente social (Bakhtin, 2011 [1979], p. 274, grifos do autor). O interlocutor da interação dialógica não é o Adão mítico, pois seu discurso é sempre transpassado pelo dizer do outro ser-evento (Bakhtin, 2011).

Diante do exposto, nossa inquietação buscará responder a seguinte indagação: Quais relações dialógicas são convocadas ao cotejarmos contranarrativas estadunidenses de ex-escravizados e de mulheres negras da atualidade no que tange às questões relativas ao parto. Pautando-nos nessa pergunta, nosso objetivo aponta para o interesse em desvelar acerca das relações discursivo-dialógicas entre as contranarrativas de ex-escravizados e as de mulheres negras na contemporaneidade, no tocante à realidade racista de violência obstétrica por elas vivenciadas no momento do parto, nos Estados Unidos, apontando, portanto, para a potencialidade desse gênero discursivo como elemento antagônico ao a-historicismo da branquitude. Justifica-se o interesse em pesquisar sobre o referido objeto, contranarrativas e relações dialógico-discursivas, ao considerarmos a importância do negro de conhecer sua história para entender sua vida concreta presente e buscar projetar melhor seu futuro.

Ancorada na abordagem qualitativo-interpretativista e caracterizada como uma pesquisa documental, visto debruçar-se sobre material primário (Oliveira, 2007) - contranarrativas registradas em livro e em vídeo - esta é uma pesquisa que se pauta nas Ciências Humanas, por pretender alcançar resultados não conclusivos (Xavier, 2020), e na Teoria Dialógica da Linguagem, visto defender a ideia de que a linguagem é a base da interação humana (Volóchinov, 2021 [1929]). A partir da Teoria Dialógica da Linguagem - no tocante à categoria de análise - utilizaremos três direcionamentos: (i) o conceito de dialogismo - aspectos característico das relações discursivo-sociais; (ii) a questão do signo com sua marca axio-ideológica, reverberando sua dupla função de refletir e refratar ideologicamente os posicionamentos do eu e do outro; e (iii) a atitude responsiva ativa, como parte essencial da interação dialógica na arena discursiva dos (des)acordos entre os interlocutores.

A geração de dados para a constituição do corpus a ser analisado partiu de duas fontes. A primeira diz respeito ao livro *Nascidos na Escravidão: depoimentos norte-americanos* (Parron, 2020). Dessa obra, os dados a serem analisados são quatro contranarrativas cujos relatos fazem referência à realidade violenta, cruel e desumana vivenciada pelas grávidas escravizadas estadunidenses em fins do século XVIII e durante o século XIX. A referida obra, organizada pelo historiador branco brasileiro Tâmis Parron e publicada em 2020, contém uma coletânea de contranarrativas de ex-escravizados que, narradas entre os anos de 1936 a 1938, objetivou movimentar a economia estadunidense, devido à Grande Depressão de 1929, a partir do Projeto Federal de Escritores<sup>3</sup>.

A segunda parte do corpus remete a vídeos do Youtube, especificamente dos canais ABC News e *Indiscutível com o Dr. Rashad Richey*<sup>4</sup>, que contêm narrativas relacionadas às experiências de descaso de instituições hospitalares para com mulheres negras no cronotopo dos Estados Unidos em pleno século XXI. A partir dos vídeos, os dados para análise são três contranarrativas: as duas primeiras provêm da ABC News, publicadas em 2020, e são narradas pelos companheiros das vítimas, visto que, infelizmente, as gestantes vieram a óbito; a última contranarrativa, que faz parte do acervo do canal *Indiscutível com o Dr. Rashad Richey*, é narrada pela própria vítima que, felizmente, sobreviveu ao parto. Em referência a ABC News, fundada em 1945, é uma das mais importantes redes de televisão estadunidenses. Com sede em Nova York, busca manter a imparcialidade em suas atividades jornalísticas que variam entre noticiários, entrevistas e documentários. Quanto ao *Indiscutível com o Dr. Rashad Richey*, é um canal do Youtube que disponibiliza notícias, reportagens, debates e é administrado por Rashad Richey, acadêmico negro da área de direito e sócio-gerente do Grupo de Direito Internacional de Advogados de Direitos Humanos e Civis.

Diante do exposto, o critério de escolha dos referidos dados deu-se pela temática abordada que remete às questões sobre a violência obstétrica durante o parto de mulheres negras estadunidenses no contexto passado e atual. Para uma melhor compreensão dos dados gerados, o Quadro 01, a seguir, especifica informações detalhadas acerca das contranarrativas.

<sup>3</sup> Título original: *Federal Writers' Project*.

<sup>4</sup> Títulos originais: *American Broadcast Company News* e *Indisputable with Dr. Rashid Richey*, respectivamente.

**Quadro 01:** Contranarrativas sobre e de Mulheres Negras

| Narrativas de Ex-Escravizados                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | Narrativas Contemporâneas                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>Obra:</b> Nascidos na Escravidão: depoimentos norte-americanos</p> <p><b>Período:</b> 1936-1938</p> <p><b>Organizador:</b> Parron (2020)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Jordon Smith (Texas, p. 49)<br/>Contranarrativa 01</li> <li>Louise Everett (Flórida, p. 71-72)<br/>Contranarrativa 02</li> <li>Claiborne Moss (Arkansas, p. 103-104)<br/>Contranarrativa 03</li> <li>Lucy Brown (Carolina do Norte, p. 124)<br/>Contranarrativa 04</li> </ul> | <p><b>Jornal:</b> ABC News</p> <p><b>Link:</b> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=FAPT8ywaCvA">https://www.youtube.com/watch?v=FAPT8ywaCvA</a></p> <p><b>Lugar e ano:</b> Nova York, 2020</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Bruce (1:08-1:35)<br/>Contranarrativa 05</li> <li>Johnson (6:49-7:23)<br/>Contranarrativa 06</li> </ul> <p><b>Canal do Youtube:</b> Indiscutível com o Dr. Rashad Richey</p> <p><b>Link:</b> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=ot_mhQstZYE">https://www.youtube.com/watch?v=ot_mhQstZYE</a></p> <p><b>Lugar e ano:</b> Atlanta, 2022</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Katherine Mary<br/>Contranarrativa 07 (0:10-1:07; 1:39-2:02)<br/>Contranarrativa 07</li> </ul> |

**Fonte:** Elaboração própria dos autores (2025).

Almejando investigar o objeto de estudo destacado, epistemologicamente, pautamo-nos principalmente em: (i) Delgado (1998), Tate (1997), Parron (2020), Delgado e Stefancic (2021), acerca das questões sobre Teoria Crítica da Raça e contranarrativas; (ii) Lister *et al.* (2019), Mehra *et al.* (2020), Camber *et al.* (2022), Arnold (2023) e Odems *et al.* (2024), para a discussão da assistência médica na gravidez da mulher negra; e (iii) Fiorin (2008), Faraco (2009), Bakhtin (2011 [1979]) e Volóchinov (2019 [1926]; 2021 [1929]), como guia para o estudo acerca do dialogismo e das relações dialógicas.

Para além dessa abertura enunciativa, apresentamos três tópicos teóricos direcionados à escrita do ser-negro-escravizado, às questões referentes ao parto da mulher negra e ao dialogismo da Teoria Dialógica da Linguagem respectivamente. Na sequência, desenvolvemos o estudo analítico-dialógico entre o dizer contranarrativo do negro escravizado e a realidade hodierna racista a qual, infelizmente, estamos situados como sujeitos sociais. Ao término, tecemos considerações enunciativas inacabadas sobre nossas observações analíticas acerca do objeto investigado.

## 2. Contranarrativas de ex-escravizados: a negação do a-historicismo racista

“É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa única, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (Adichie, 2019, p. 22).

A história dos países colonizados, no percurso dos séculos XVI ao XIX, conta-nos sobre a exploração massiva de africanos traficados para o continente americano e de seus afrodescendentes: todos subjugados à sujeição do sistema escravagista. Como em outros países, a escravidão nos Estados Unidos também foi fator fundamental para a construção dessa nação, cuja base sócio-política e econômica se pauta no racismo estrutural (Oliveira, 2022). O sujeito negro que vivia sob o jugo da escravidão, era a base fundamental de sustentação do sistema capitalista em ascensão naquele cronotopo<sup>5</sup>. Entretanto, à sua vida desumanizada, não lhe cabia nenhum direito, apenas obrigações, e, estando agrilhoadada ao poder do branco, apenas a história desse último era a que prevalecia sob as demais.

A ausência do direito aos estudos da população negra, ou seja, a impossibilidade do que denominamos hoje de letramento, concorria para alargar, ainda mais, a distância da vida concreta entre o branco livre e o negro escravizado. Nesse sentido, a narrativa da branquitude prevaleceu como sendo a única e verdadeira, não só no contexto social estadunidense, mas também em outras nações constituídas pelo movimento cruel da colonização. Assim, a assertiva de Adichie (2019), apresentada na epígrafe deste tópico, aponta para a aberração do sistema colonialista como responsável pela transformação da historicidade do povo negro em uma única “coisa”; uma (in)verdade que homogeneizou a cultura de diferentes povos africanos traficados para as terras americanas, e que, infelizmente, se perpetua até o nosso cronotopo vigente.

Conforme nos esclarece Parron (2020), no contexto do falar de si - em referência ao negro escravizado estadunidense - há dois períodos em que esse sujeito apresentou o outro lado da história desta nação, por meio da sua narrativa. O primeiro momento ocorreu em fins do século XVIII e durante o século XIX, época em que o (ex)escravizado, com o apoio do branco abolicionista, teve a oportunidade de narrar experiências de sua vida concreta, através da escrita de sua

---

<sup>5</sup> Conceito da Teoria Dialógica da Linguagem discutido no tópico sobre dialogismo.

autobiografia<sup>6</sup>. A segunda ocasião deu-se entre os anos de 1936 e 1938: devido à Grande Depressão, o governo federal do presidente Franklin Roosevelt fomentou programas para alavancar a economia estadunidense, e o Projeto Federal de Escritores<sup>7</sup> foi um deles. A partir de narrativas de ex-escravizados, esse projeto conseguiu coletar aproximadamente duas mil e quatrocentas narrativas, com uma primeira publicação em 1941, intitulada *Narrativas de Escravos: uma história popular da escravização nos Estados Unidos a partir de entrevistas com ex-escravizados*<sup>8</sup>, e uma segunda publicação em 1972 pela editora Greenwood que alcançou um número maior de leitores<sup>9</sup>.

Consoante Delgado e Stefancic (2021), a Teoria Crítica da Raça (TCR), criada nos Estados Unidos em 1970, sinaliza para a necessidade de se ampliar discussões e fortalecer a luta acerca das questões jurídicas direcionadas à causa da negritude, e considera o dizer de si - especificamente em relação ao sujeito negro - como um movimento interacional de relevância inestimável, visto que o discurso hegemônico do branco necessita ser combatido, uma vez que é por meio da língua que os sujeitos constituem suas relações sociais de poder. Em outras palavras, essa teoria objetiva erradicar toda forma de opressão racista; e um de seus princípios determina que a TCR “desafia o a-historicismo e insiste no exame contextual/histórico da lei e o reconhecimento do *conhecimento experiencial de pessoas negras* na análise da lei e da sociedade”<sup>10</sup> (Tate, 1997, p. 235, grifos nossos, tradução nossa).

Entenda-se por a-historicismo uma forma de desconsiderar e de deslegitimar a historicidade mais ampla do contexto sociocultural, político e econômico de um fato, desacreditando realidades outras - sempre marginalizadas - em favor da verdade ístina hegemônica do grupo social que está no poder; assim, caracteriza-se pelo descontexto,

<sup>6</sup> A obra do historiador Rafael Domingos Oliveira, intitulada *Vozes Afro-Atlânticas: autobiografias e memórias da escravidão e da liberdade*, publicada em 2022, analisa alguns das autobiografias de ex-escravizadas e ex-escravizados, como Sojourner, Truth e Frederick Douglass.

<sup>7</sup> Federal Writers' Project. Link: <https://www.loc.gov/collections/federal-writers-project/about-this-collection/>. Acesso em: 07 abr. 2025.

<sup>8</sup> Título original: *Slave Narratives: a folk history of slavery in the United States from interviews with former slaves*.

<sup>9</sup> A partir desses dois processos de editoração e de publicação de tais narrativas, nota-se que a edição de 1941 não despertou o interesse da população, visto que o país vivenciava a segregação racial, fato que potencializava a dificuldade do movimento de equidade racial. Com a derrocada do sistema segregacionista, o panorama estadunidense acerca da luta antirracista agrega novas forças e formas de ações contra o racismo, daí a edição das referidas narrativas, na década de 1970, alcançar um número maior de leitores.

<sup>10</sup> Texto original: “[...] challenges ahistoricism and insists on a contextual/historical examination of the law and a recognition of the experiential knowledge of people of color in analyzing the law and society” (Tate, 1997, p. 235).

generalização, anacronismo e pseudoneutralidade dos fatos. Em referência à questão da racialidade, foco deste trabalho, o a-historicismo posiciona-se como rejeição de todo conhecimento histórico do negro, negando-lhe o direito de agregar seus saberes a qualquer instância social do país colonizado ao qual é originário.

Retomando a questão sobre o dizer de si do sujeito negro a partir da TCR, Delgado (1989) nos explica que quem pertence aos *outgroups*, grupos externos<sup>11</sup> - neste caso os negros - tem sua voz desvalorizada e suprimida, em contraposição aos sujeitos que se localizam nos *ingroups*, grupos internos<sup>12</sup>, os brancos. Diante desta realidade do silenciamento do outro-negro, esse estudioso da área do direito menciona que “Um grupo externo cria suas próprias histórias, que circulam dentro do grupo como um tipo de contra-realidade”<sup>13</sup> (Delgado, 1989, p. 2412, tradução nossa). Nesse sentido, as histórias dos negros se contrapõem ao dizer hegemônico da branquitude - por isso denominadas de contranarrativas (*counter-narratives*). O grupo oprimido é consciente de que a suas histórias têm valor inestimável para “sua própria sobrevivência e liberdade”<sup>14</sup> (Delgado, 1989, p. 2436, tradução nossa), e que tais contranarrativas servem como forma de autopreservação psicológica e de suavização da pressão que a posição de subordinação causa aos negros; e há o lucro de encorajar outros sujeitos a apresentar suas próprias contranarrativas.

Importante faz-se pontuar que as discussões sobre a relevância das contranarrativas dos negros também reverberam o dizer de outros teóricos. Para hooks (2020), as narrativas da negritude tecem conexões com outras histórias anteriores, presentes e/ou futuras, e ajudam a cicatrizar feridas físicas e, principalmente, psicológicas. No Brasil, temos a escritora Evaristo (2020), que remete ao dizer de si da mulher negra. Essa autora menciona que, mesmo que a narrativa seja elaborada por uma única pessoa, tal indivíduo é compreendido como sujeito histórico, partícipe de uma história, não individualizada.

A partir de tais considerações acerca da importância da contranarrativa para a luta antirracista, convidamos nosso leitor a prosseguir na discussão epistemológica, direcionando nosso enunciado para a condição de vida da mulher negra - no passado e na atualidade - tendo em

<sup>11</sup> Representam as pessoas que ocupam os espaços marginais.

<sup>12</sup> Grupo representativo da branquitude.

<sup>13</sup> Texto original: “An outgroup creates its own stories, which circulate within the group as a kind of counter-reality” (Delgado, 1989, p. 2412).

<sup>14</sup> Texto original: “their own survival and liberation” (Delgado, 1989, p. 2436).

vista a importância do conhecimento histórico, para que possamos extirpar o a-historicismo que nega as relações dialógicas na arena discursiva entre *outgroups* e *ingroups*.

### 3. O parto da mulher negra no contexto da assistência médica racializada

“Esta crise de mortalidade materna entre mulheres Negras se deve unicamente à longa, assustadora e racista história americana. A dor excruciante e a injustiça que mulheres Negras livres e escravizadas suportaram, continua a deixar feridas na nossa sociedade e ainda são sentidas por nós, mulheres Negras, nos dias atuais”<sup>15</sup>  
(Arnold, 2023, p. 28, tradução nossa).

A mortalidade materna estadunidense é um problema que só tende a crescer, já sendo considerada como crise de saúde pública e, nesse contexto, o número de mortes de mulheres negras gestantes é o quádruplo, considerando a interseccionalidade raça, gênero e classe social (Lister *et al.*, 2019; Arnold, 2023). Diversos estudos na área médica estadunidense apontam para o descaso, a indiferença e os maus tratos dos trabalhadores da saúde, sejam médicos e/ou enfermeiros, para com mulheres afro-estadunidenses grávidas (Lister *et al.*, 2019; Mehra *et al.*, 2020; Camber *et al.*, 2022; Arnold, 2023; Odems *et al.*, 2024), o que vem a se caracterizar como práticas racistas contra mulheres gestantes afro-estadunidenses. A partir dessa triste realidade, Odems *et al.* (2024) nos explicitam que o racismo médico é aquele que considera a raça do paciente como elemento determinante para definir o tipo de tratamento e de diagnóstico que será dispensado. Além disso, a violência obstétrica encapsula um grupo de ações que desumaniza a mulher negra, incluindo não só o abuso físico e psicológico, mas também a perpetuação da dominância e do controle da reprodução feminina negra através de métodos contraceptivos, por exemplo.

No âmbito da obstetrícia, essas pesquisadoras nos esclarecem que o racismo obstétrico resulta da intersecção entre o racismo médico e a violência obstétrica materializada durante os atendimentos médicos a mulheres grávidas, e que pode abarcar algumas ações racistas como: negligenciar atendimento, desrespeitar a paciente, degradar a imagem da gestante, coagir a

<sup>15</sup> Texto original: “This maternal mortality crisis among Black women is solely due to America’s long, haunting, racist history. The excruciating pain and injustice that both free and enslaved Black women borne, continues to leave wounds on our society and is still felt by us Black women today” (Arnold, 2023, p. 28).

mulher negra e até provocar dores intencionalmente. Comprovadamente, o nível de suporte e de assistência médica que mulheres afrodescendentes recebem é bem mais baixo quando comparado com o nível das mulheres brancas (Chamber *et al.*, 2022). A pesquisa de Odems *et al.* (2024) nos revela - por meio de depoimentos das mães negras - a decepção e a profunda dor vivenciada por diferentes mulheres negras durante o período perinatal<sup>16</sup>, conforme podemos constatar a partir da contranarrativa de uma das entrevistadas da pesquisa:

Eles quase me mandaram para casa... até que eu comecei a sangrar [...] a enfermeira me sussurrou que se eles tivessem me mandado para casa, eu e meu bebê provavelmente teríamos morrido. Todos ficaram indiferentes enquanto eu dizia a eles que eu tinha uma contração cada vez que eu me mexia... Eu tive um descolamento de placenta, mas minha dor foi ignorada<sup>17</sup> (Odems *et al.*, 2024, p. 4, tradução nossa).

Corroborando a ideia de Odems *et al.* (2024), acerca do descaso médico para com as gestantes afro-estadunidenses, a pesquisa de Arnold (2023) sinaliza que tais experiências, conforme a citada nessa contranarrativa, impactam negativamente na saúde física e psicológica da mãe, provocando estresse crônico devido ao sistema racista de opressão. Nesse sentido, as mulheres negras têm mais probabilidade a doenças cardiovasculares e à pre-eclâmpsia que as demais mulheres de outras etnias (Lister *et al.*, 2019).

É comum que afro-estadunidenses vivenciem, constantemente, diferentes formas de preconceito racial. O estudo de Mehra *et al.* (2020) - utilizando-se do termo “estigma da gravidez racializada” - indica que tais mulheres se sentem desvalorizadas pela sociedade durante o período de gravidez, e que as mulheres participantes da pesquisa “se sentiram julgadas com base em suposições negativas sobre mulheres negras grávidas e, para algumas, esse julgamento foi uma fonte significativa de estresse”<sup>18</sup> (Mehra *et al.*, 2020, p. 6, tradução nossa). Tal estado físico-emocional contribui para que haja um alto índice de resultados precários sobre a gravidez dessas mulheres.

Ao considerarmos esse contexto contemporâneo de violência médica contra mulheres afro-estadunidenses, faz-se importante destacar que, diante dessa realidade, a sociedade,

<sup>16</sup> Período que remete ao tempo imediatamente antes, durante e logo após o nascimento do bebê.

<sup>17</sup> Texto original: “They nearly sent me home... until I started bleeding... I was told to go home nothing was happening. Once I started bleeding, the nurse whispered to me that if they had sent me home, me & my baby would have likely died. Everyone was so nonchalant when I was telling them I had a contraction every time I moved... I had placenta detachment, but my pain was not being taken seriously” (Odems *et al.*, 2024, p. 4).

<sup>18</sup> Texto original: “[...] felt judged based on negative assumptions about Black pregnant women, and for some, this judgment was a significant source of stress” (Mehra *et al.*, 2020, p. 6).

especificamente negros e brancos antirracistas, mobilizam-se para combater tal violência. Além das pesquisas acadêmico-científicas e dos movimentos negros, a Associação Nacional para o Avanço do Parto Negro<sup>19</sup> objetiva debelar a violência obstétrica contra mulheres negras gestantes decorrentes do racismo estrutural no sistema de saúde estadunidense; uma das suas iniciativas, além de ofertar treinamento para parteiras e doulas, é a divulgação da Cartilha dos Direitos do Parto Negro (*Black Birthing Bill of Rights*), lançada em 2020.

Em contramão ao a-historicismo, pesquisas científicas apontam - como origem deste quadro de descaso para com a saúde da mulher negra - o bárbaro período de colonização do continente americano, berço do sistema escravagista racializado. Sendo a mulher negra objetificada e animalizada, ela era desprovida de qualquer direito sobre seu corpo, pois ele pertencia ao dono escravagista (Arnold, 2023). Por serem consideradas objeto-animalizados, um grande número de gestantes negras que trabalhavam na lavoura, no momento do trabalho de parto, eram relegadas à sorte e pariam no campo, assim como faziam bovinos, caprinos e suínos<sup>20</sup>.

Quanto aos experimentos médico-científicos realizados durante a escravização, o corpo negro feminino servia de cobaia para investigações acerca da saúde reprodutiva, objetivando angariar benefícios para a branquitude feminina (Arnold, 2023). Os médicos brancos, propositalmente, realizavam os procedimentos cirúrgicos sem anestésico e o consentimento da paciente, nem tão pouco lhes davam assistência pós-cirúrgica: o cruel processo tornava-se desumanamente doloroso, deixando marcas indeléveis físico-psicológicas na mulher escravizada. Mulheres como Anarcha, Betsey e Lucy foram reduzidas à condição de experimentos, instrumentalizadas e sacrificadas em prol das investigações científicas na área ginecológico-obstétrica pelo estadunidense James Marisson Sims (1813-1883), conforme nos esclarece Arnold (2023). Consoante elucidação de Chamber (2022, p. 477, tradução nossa), tais experimentos resultaram em duas pseudoconstatações médicas: “(i) é aceitável realizar procedimentos em mulheres negras sem seus consentimentos; (ii) mulheres negras têm uma alta tolerância a dor<sup>21</sup>”.

<sup>19</sup> Título original: *National Association Advanced Black Birth* (NAABB).

<sup>20</sup> As contranarrativas dos ex-escravizados nos dizem muito sobre essa comparação ao narrarem que: (i) “Vi venderem escravos [...] vi os escravos serem tocados feito porcos [...]”; (ii) “[...] quando estavam levando eles (os escravizados), tocando, igual a uma récula de mulas, para o mercado [...]” (Parron, 2020, p. 155).

<sup>21</sup> Texto original: “(1) it is acceptable to perform procedures on Black women without their consent; and (2) Black women have a high tolerance for pain” (Chamber, 2022, p. 477).

Tais falsas constatações servem para legitimar a voz de Arnold (2023) destacada na epígrafe deste tópico: a dor e a injustiça do passado escravagista perpetua-se no hoje.

A próxima discussão epistemológica aponta para a relevância da linguagem no contexto das relações humanas; no caso deste estudo, em referência ao dizer de si do sujeito negro, a partir da filosofia da Teoria Dialógica da Linguagem.

#### 4. A dialogicidade bakhtiniana: intersecção entre passado, presente e futuro

“O falante não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez” (Bakhtin, 2011 [1979], p. 288).

No campo da Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), o dialogismo é demarcado para além das fronteiras linguísticas, quando a palavra pertence à esfera das relações sociais, não constitutiva da comunicação abstrata. Conforme nos esclarece Almeida e Viana (2020, p. 51), pautadas na filosofia bakhtiniana, o dialogismo é fator determinante para a existência das práticas discursivas de linguagem e “representa o confronto de valores e diferentes visões sobre um determinado objeto”. Nesse sentido, sendo o enunciado concreto a unidade real essencial do fluxo da interação social (Volóchinov, 2019; 2021), tal enunciado caracteriza-se pela heterogeneidade, visto que aponta para o posicionamento do eu e do outro: esse sujeito-eu em oposição ao sujeito-outro, e vice-versa. Fiorin (2008, p. 24, grifos do autor) exemplifica essa característica opositiva por meio da ideia de que “quando se afirma “Negros e brancos têm a mesma capacidade intelectual”, tal enunciado só faz sentido porque constitui-se em contraposição a um enunciado racista [...]”; isto é, o locutor representa o lado que defende a igualdade de direitos entre negritude e branquitude, e o interlocutor é seu avesso racista. Outrossim, em um contexto social onde o racismo inexistente, tal enunciado é desprovido de qualquer sentido.

A partir dessa exemplificação, faz-se importante considerar o esclarecimento acerca do dialogismo da TDL que Fiorin (2008) nos apresenta. Segundo esse pesquisador da linguagem, o dialogismo pode ser compreendido a partir de três conceitos, não estanques entre si, a saber: o constitutivo, o composicional e o individual. O primeiro conceito não se mostra claramente como fio condutor do discurso, ou seja, as vozes sociais que lhe transpassam não são visíveis ao

interlocutor: há incorporação do dito-outro-social, contudo não manifestado explicitamente. Já o dialogismo composicional, também visceralmente demarcado pelas vozes alheias, caracteriza-se pela visibilidade de enunciados sociais no discurso proferido, e isso pode ocorrer através de discurso (in)direto e indireto livre, paródia, estilização e uso de aspas.

Quanto ao terceiro conceito, ele aponta para a relação entre dialogismo e a individualidade do ser-evento, a partir da compreensão de que a subjetividade de cada indivíduo é instituída pelas relações sociais vigentes no cronotopo<sup>22</sup> ao qual tal sujeito encontra-se inserido. Em outras palavras, embora o locutor preserve sua singularidade, o que demarca a ideia de que “o sujeito não é assujeitado, ou seja, submisso às estruturas sociais” (Fiorin, 2008, p. 55), os enunciados que profere estão imbuídos de signos axio-ideológicos. Ao tomar como fundamento a noção de que é no contexto sócio-histórico que o eu e o outro constituem-se como sujeitos sociais, e que, portanto, suas respectivas consciências se estabelecem no seio da sociedade a qual pertencem, a filosofia da TDL indica que a individualidade de cada ser-evento, permeada por diferentes vozes sociais, é fundamentalmente dialógica: “a configuração da consciência é um fato dialógico na medida em que sempre está processando e reagindo ao que vem do exterior em forma de discursos e palavras alheias” (Arán, 2024, p. 96).

A concepção de enunciado nos guia para o entendimento de que o locutor direciona sua expressão enunciativa, impreterivelmente, ao outro. Bakhtin (2011 [1979], p. 299) esclarece que:

Cada enunciado isolado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. Ele tem limites precisos, determinados pela alternância dos sujeitos do discurso (dos falantes), mas no âmbito desses limites o enunciado, como a mônada de Leibniz, reflete o processo do discurso, os enunciados do outro, e antes de tudo os elos precedentes da cadeia (às vezes os mais imediatos, e vez por outra até os muito distantes - os campos da comunicação cultural).

Ante o exposto, e considerando a dialogicidade enunciativa, a TDL indica que os enunciados estão ligados a vozes que lhes são anteriores; entretanto, não apenas, pois também

---

<sup>22</sup> Para Bakhtin (2018 [1973], p. 12), a partir da discussão literária sobre o romance, esse conceito diz respeito à interligação entre tempo e espaço: “Os sinais do tempo se revelam no espaço e o espaço é apreendido e medido pelo tempo”. Embora oriundo das discussões literárias bakhtinianas sobre o romance, Oliveira e Pereira (2022) mencionam que esse termo pode ser empregado em outros gêneros discursivos e em outras esferas sociais, para além da literatura.

se relacionam com elos futuros da cadeia comunicativo-discursiva. Bakhtin (2011 [1979], p. 301) elucida que o “endereçamento” discursivo ao outro, é um atributo basilar do enunciado; o enunciado proferido aguarda uma resposta, aponta para uma atitude responsiva ativa que pode manifestar-se em diferentes cronotopos e de diferentes formas, seja agora ou depois, através da palavra (oralizada, escrita) ou de uma ação: “Todo dizer é uma resposta a alguma coisa - que se institui no passado, no presente e se coloca como abertura para o futuro” (Barbosa; Xavier, 2023, p. 147). A partir dessa compreensão, a TDL nega a existência do Adão mítico, citado na epígrafe deste tópico, visto que o sujeito-falante não é o primeiro e nem será o último a apresentar seu enunciado na cadeia discursivo-dialógica.

Fundada na compreensão de que todo enunciado concreto surge de um contexto sócio-histórico real, a partir dos (des)acordos das relações dialógicas travados em diferentes arenas discursivas, a filosofia da TDL advoga a concepção de que o enunciado é essencialmente ideológico. Entenda-se por ideologia, na concepção filosófica bakhtiniana, o conjunto de manifestações axiológicas das diversas áreas das atividades intelectuais humanas (política, economia, direito, religião, ciência etc.). Faraco (2009, p. 47) nos explica que a esse termo não cabe o sentido negativo, isto é, de “mascaramento do real”. Assim, a ideologia admite o sentido duplo, visto que ele não só ocorre em alguma das esferas ideológicas sociais, mas também evidencia o posicionamento axiológico dos interlocutores; por isso, nenhuma palavra-signo, e, portanto, nenhum enunciado, encontra-se no escopo da neutralidade. Nesse sentido, de acordo com Volóchinov (2021 [1929], p. 181, grifos nossos):

*Na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana. É apenas essa palavra que compreendemos e respondemos, que nos atinge por meio da ideologia ou do cotidiano.*

A ideologia não é a realidade do vocábulo linguístico abstrato, mas a do signo concreto, sempre demarcado por sentidos múltiplos. Dessa percepção, depreende-se que o signo reflete e refrata a realidade da vida concreta sócio-histórica. Ao refletir, ele aponta para o mundo material extralinguístico, diz respeito ao significado imediato que a palavra enunciada apresenta; e ao refratar, o signo apresenta-se em variados sentidos, carregado de valores ideológicos a depender

do contexto ao qual está vinculado<sup>23</sup>. A linguagem, longe de ser apenas uma forma neutra de expressar pensamentos e de comunicar-se - através da palavra-signo-enunciado - determina espaços concretos para a manifestação das ideologias (Souza *et al.*, 2023, p. 04). Assim, no contexto da linguagem, é por meio da palavra carregada de sentido ideológico que os interlocutores expressam suas ideias, ou seja, suas verdades: o sujeito que apresenta um discurso monologizante, engessado, expressa a verdade *ística*, e aquele que exterioriza enunciados do cotidiano, flexíveis e sempre abertos a diferentes possibilidades axiológicas e enunciativas, apresenta sua verdade *pravda*.

Com base na exposição epistemológica acerca das contranarrativas, da condição de saúde da mulher negra gestante estadunidense e do dialogismo, nos direcionamos para a análise dos enunciados, conforme especificados na introdução deste trabalho.

## **5. A vida contemporânea da mulher negra como triste espelho do passado escravagista: a negação do a-historicismo**

Intencionamos investigar acerca das relações dialógicas entre as contranarrativas de ex-escravizados e a realidade racista da contemporaneidade referente à violência obstétrica contra a mulher negra nos Estados Unidos durante o parto, sinalizando, portanto, a potência desse gênero discursivo como instrumento de resistência negra em oposição ao a-historicismo instalado a partir da ideologia hegemônica da branquitude. Para uma melhor organização analítica, dividimos este tópico em duas partes. A primeira diz respeito à análise a partir das contranarrativas de ex-escravizados; na segunda, tecemos considerações investigativas acerca das relações discursivo-dialógicas com base nas contranarrativas contemporâneas. Para uma melhor fluidez

---

<sup>23</sup> Para uma melhor compreensão acerca do refletir e refratar, tomemos como exemplificação o termo “mulher negra”. Tal signo, quanto ao significado extralinguístico imediato, reflete a noção de um sujeito do sexo feminino cuja cor da pele é negra. Em referência ao refratar, considerando dois contextos estadunidenses e a intersecção gênero e raça, podemos explicitar dois sentidos: no cronotopo oitocentista, esse signo representa uma pessoa desprovida de qualquer direito, pois, subjugada aos ditames desumanos do sistema escravagista, a mulher negra é reificada como \*objeto-servil, e até animalizada; no cronotopo contemporâneo, essa mulher, já não mais escravizada, embora ainda situada na base da estratificação social, simboliza um sujeito que tem direitos garantidos por lei, embora nem sempre cumpridos, e ocupa espaços sociais, antes demarcados única e exclusivamente por homens e mulheres brancos, ainda que caracterizados pelo racismo estrutural dessa nação.

textual, quanto à identificação das contranarrativas, usamos os termos C1 (Contranarrativa 1), C2 (Contranarrativa 2), e assim sucessivamente.

### 5.1. As contranarrativas dos ex-escravizados: o narrar histórico da negritude

Em conformidade com a C1, a seguir, Jordon Smith relata que o trabalho das mulheres escravizadas era exaustivo, e, até antes do momento do parto, elas precisavam cumprir com as cotas de colheita do feno. Observa-se que o termo “doente” diz respeito às contrações naturais que antecipam o nascimento do bebê, e que, mesmo desejando estar em um lugar seguro e na companhia de familiares que pudessem acolhê-la, sua vontade era ignorada em absoluto.

**Contranarrativa 01:** Jordon Smith (Texas, p. 49)

“O senhor Ab tinha centenas de hectares de trigo e fazia as mulheres empilhar feno no campo. Às vezes, elas ficavam doentes e queriam ir para casa, mas ele mandava elas deitarem em uma pilha de palha no meio do campo. Várias crianças nasceram na palha do campo. Depois que a criança nascia, ele mandava elas para casa. Eu vi com meus próprios olhos”.

O cuidado para com o estado delicado durante a gravidez das escravizadas era nulo, visto que, conforme a branquitude escravagista, o sujeito negro, independentemente do gênero, era considerado um animal (Parron, 2020), conforme podemos constatar nas C2 e C4, a posteriori. A voz de Jordon apresenta-se como uma contraposição ao sistema escravagista, pois a contranarrativa desvela seu posicionamento axiológico frente à realidade cruel da escravidão. Tal postura nos é visível quando ele finaliza seu enunciado mencionando “Eu vi com meus próprios olhos”: eis uma apreciação que desvela estarrecimento e confirmação legítima sobre o fato observado, demarcando, assim, um parecer ideológico contrário ao que era instituído pelos brancos escravagistas naquele cronotopo específico.

A partir da individualidade do ser-evento-Jordon, é visível que, “sendo a configuração da consciência um fato dialógico” (Áran, 2024, p. 96), seu posicionamento enunciativo situa-se contrário à ideologia de dominação da branquitude, o que demarca sua reação aos discursos opositivos ao que ele parece defender como sua verdade *pravda*. Nesse sentido, podemos sugerir que a voz de Jordon é dialógica por constituir-se de discursos que remontam ao cronotopo do sistema escravagista, por demarcar seu posicionamento ideológico contrário a esse sistema e por

possibilitar atitudes responsivas ativas futuras, sejam elas concordantes ou não com sua verdade *pravda* acerca do racismo perpetrado contra os negros.

O tempo das mães escravas destinado às suas crianças era o da procriação<sup>24</sup>, pois elas serviam como animais de reprodução para seus senhores, especificamente após ser decretada a Lei que finalizou o tráfico de africanos para os Estados Unidos<sup>25</sup>. Sobre a questão da animalização dos negros, conforme sinaliza a C2, observa-se a comparação das crianças com porcos, visto que seu local de refeição era o cocho.

**Contranarrativa 02:** Louise Everett (Flórida, p. 71)

“As escravas não tinham tempo para os filhos. [...] Cada criança recebia uma concha de madeira, que mergulhavam no cocho de madeira para se alimentarem sozinhas. [...] Big Jim<sup>26</sup> era tão rigoroso que os escravos eram forçados a trabalhar até quando estavam doentes. Mães grávidas labutavam no campo até sentirem as dores do parto. Não raro, os bebês nasciam na própria lavoura”.

O signo “cocho”, naquele cronotopo, não só refletia o lugar de alimentação dos porcos, mas também refratava o local de refeição dos filhos dos escravizados, trazendo, portanto, um sentido ideológico de animalização daquelas crianças, contribuindo para subjugar-las e reduzi-las a seres desprovidos de qualquer dignidade humana. Especificamente em referência à relação mãe-filho, testemunha-se que durante a maternidade, as escravizadas destinavam todo seu tempo ao trabalho na lavoura, ou em alguma atividade doméstica na residência dos seus senhores, o que não lhes sobrava oportunidade para criar seus filhos.

Ademais, o enunciado de Louise corrobora o dito de Jordon sobre o parto das escravizadas: parir no campo, na lavoura. Tal contranarrativa desvela a total ausência de empatia da branquitude para com o sujeito negro: a privação do direito a uma assistência durante o parto e a um momento para a criação dos próprios filhos, e, como Jordon, Louise parece opor-se ao sistema escravocrata ao valorar Big Jim como um sujeito “rigoroso”, vocábulo que denota

<sup>24</sup> O fim do tráfico de africanos para a América prejudicou os interesses nefastos dos brancos escravagistas donos de terras que sempre visavam possuir mais escravizados para trabalhar no campo e em outras atividades servis. Tal fato deu origem ao processo de reprodução humana de africanos e afrodescendentes em terras estadunidenses implementado pelos senhores escravagistas: as negras e negros saudáveis serviam como animais reprodutores para gerar mais escravizados.

<sup>25</sup> *Acting Prohibiting Importation of Slaves* (Lei de Proibição de Importação de Escravizados, tradução nossa), aprovada em 02 de março de 1807 e implementada em 01 de janeiro de 1808 nos Estados Unidos.

<sup>26</sup> Provavelmente o capataz.

austeridade, hostilidade. Além disso, no escopo da dialogicidade, esse enunciado, assim como o de Jordon, determina, de forma não explícita, a presença das vozes sociais dos senhores escravagistas, mediadas pela ideologia política daquele cronotopo, qual seja: o domínio do poder escravagista determinante das normas sociais.

Na sequência, a C3 de Claiborne Moss, axio-ideologicamente, desvela ao seu interlocutor-entrevistador um desacordo frente às ações racistas de Keynon.

**Contranarrativa 03:** Claiborne Moss (Arkansas, p. 104)

“[...] Kenyon Morps<sup>27</sup>, ora, mas que malvado era aquele homem. [...]. As mulheres dele nunca davam luz em casa, ele nunca deixava elas saírem do trabalho antes da hora. Ele queria elas trabalhando, trabalhando até o último minuto. As crianças nasciam no eito e nos cercados. Depois, ele deixava elas ficarem em casa mais ou menos uma semana”.

Com base na contranarrativa de Claiborne, podemos constatar a marca da reificação da mulher escravizada a partir do pronome possessivo “dele”, em “as mulheres dele”, que aponta Kenyon como ser humano branco possuidor de seres objetificados, e também animalizados. Esse enunciado concreto representa uma atitude responsiva ativa frente à ideologia apregoada pelos senhores escravocratas. Em sua individualidade não assujeitada ao discurso racista - “mas que malvado que era aquele homem” - Claiborne apresenta uma voz dialógica opositiva ao sistema escravagista: “no *simpósio universal*, cada ser humano é social e individual” (Fiorin, 2008, p. 28, grifos do autor).

Outrossim, as contranarrativas de Jordon e de Louise corroboram o dizer contranarrativo de Claiborne quanto ao campo ser o lugar socialmente estabelecido para o parto das mulheres negras. Ademais, em relação ao contexto a que remete o enunciado concreto de Claiborne, o do período escravocrata, podemos sugerir que o signo “trabalho” reflete e refrata a disputa de sentidos daquele cronotopo: enquanto que para o senhor escravagista, esse signo representava dominação de corpos negros e, portanto, lucratividade; para o escravizado, ele simbolizava a privação de sua liberdade de forma desumana e violenta.

<sup>27</sup> “[...] morava em uma colina um pouco além da fazenda dos Duggins.” Os Duggins era a família proprietária de Claiborne.

O campo, como lugar para o nascimento dos filhos das mulheres escravizadas, também é citado por Lucy, na C4 a seguir. Além do mais, seu enunciado concreto elucida as experiências de violência de açoites contra as ex-escravizadas, mesmo estando elas em estado gestacional.

**Contranarrativa 04:** Lucy Brown (Carolina do Norte, p. 124)

“Ela (mamãe) me contou que algumas das escravas tinham os filhos no eito, que nem vacas fazem. Ela disse que antes dos bebês nascerem, elas amarravam a mãe de barriga para baixo quando tinham que açoitar ela, para não arruinar o bebê”.

Durante o período colonialista, a verdade *istina* da branquitude sobrepunha-se a qualquer verdade *pravda* do outro-negro, ou seja, o discurso do branco emudecia o dizer de si do escravizado, neste caso o da mulher negra: por qualquer motivo lhe era aplicado um dos castigos mais comuns e severos, o açoite. Objetivando defender seu patrimônio de mão-de-obra, visto ser o futuro bebê propriedade do senhor, o que anulava o pertencimento da criança aos pais, o processo violento do açoite requeria a estratégia de preservar o ventre da mulher escravizada. Ainda sobre o vocábulo “açoite” - demarcado como símbolo ideológico do senhor branco escravagista - ele não só refletia o significado da ação brutal do branco colonialista, mas também refratava o sentido de dominação incontestável da branquitude para com a negritude. Dito de outra forma, o açoite, além de representar o flagelo do negro, também espelhava a condição de superioridade da sociedade branca colonialista, e a desumanidade dos que compunham a classe trabalhadora negra escravizada: ser açoitado, portanto, simbolizava a total subjugação.

As verdades reveladoras e inestimáveis contidas nas contranarrativas até aqui analisadas, caracterizadas como enunciados situados historicamente, portanto parte da comunicação discursiva concreta (Volóchinov, 2021 [1929]), sinalizam não só para um posicionamento axiológico que denuncia a vida perversa a qual os africanos e afrodescendentes foram forçados a enfrentar, mas também para relações dialógicas permeadas por dizeres: (i) passados, como as vozes que lhes antecederam, tantos dos escravizados, quanto dos senhores; (ii) presentes, como atitude responsiva ativa para com os questionamentos dos entrevistadores e seus interesses em saber e registrar a verdade *pravda* do negro na condição escravizada, e (iii) futuros, como eco que reverbera na contemporaneidade por meio das vozes de mulheres e homens negros que denunciam a realidade racista da medicina obstétrica a serviço da mulher negra, por exemplo. Tais

constatações corroboram a ideia de Bakhtin (2011 [1929], p. 299) sobre enunciado quando ele menciona que “Cada enunciado isolado é um elo na cadeia da comunicação discursiva”.

Na sequência, buscamos elucidar como as relações dialógicas permeiam as contranarrativas que desvelam a realidade das gestantes negras estadunidenses nos dias atuais.

## 5.2. As contranarrativas contemporâneas: o elo com o pretérito

A C5, proferida pelo companheiro de Ambar, Bruce, nos revela a triste situação que essa mulher negra vivenciou no momento do seu parto. Podemos perceber nitidamente a sua preocupação para com seu próprio estado de saúde, o que, infelizmente, foi ignorado pela médica obstetra, aquela que deveria, não só por questão de humanidade, mas por profissionalismo da medicina, tê-la acolhido, com o devido cuidado médico, durante os momentos em que Ambar sinalizou indícios de mal-estar. Vejamos o que Bruce nos relata:

**Contranarrativa 05:** Bruce, o pai do bebê de Ambar<sup>28</sup>

“Ela expressou suas preocupações. Ela não estava se sentindo bem, ela sentia-se desconfortável, com falta de ar e sua médica obstetra não entendia e disse ‘Há outras mulheres que estão trabalhando, enquanto elas estão grávidas’, e isso me revelou que ela não estava preocupada com Amber”.

Pautando-nos nessa contranarrativa, podemos identificar três fatores característicos das relações dialógicas, balizados pela retomada da ideologia colonialista. No primeiro caso, por meio do discurso direto, Bruce retoma o enunciado racista e insensível da médica obstetra de Ambar sobre o lugar que sua paciente negra deveria ocupar, mesmo estando com a saúde comprometida por complicações da gestação: “Há outras mulheres que estão trabalhando enquanto, elas estão grávidas”. Mulheres essas que, certamente, pertencem à mesma raça de Ambar: a Negra.

Cotejando esse enunciado com as contranarrativas dos ex-escravizados, como a de Claiborne, certificamo-nos de que os acontecimentos do passado, indubitavelmente, reverberam nos posicionamentos ideológicos da contemporaneidade: a mulher negra deve trabalhar exaustivamente, “até o último minuto”, independentemente de sua condição de gravidez, visto que, para o branco racista, ela continua reificada, e sua lucratividade não pode ser comprometida em detrimento do bem-estar dessa mulher.

<sup>28</sup> Infelizmente, Âmbar não resistiu ao procedimento cirúrgico obstétrico de parto e faleceu em 2020. Seu bebê vive com o pai, Bruce.

No segundo caso, ainda sobre o enunciado dialógico da médica, podemos asseverar que ele exemplifica o elo na cadeia discursiva, visto que retoma e assume o discurso dos senhores Ab, Big Jim e Kenyon Morps. É a nítida constatação de que o enunciado contemporâneo não é o do Adão mítico (Bakhtin, 2011 [1979]), portanto, não a-histórico; ao contrário, ele está sempre associado a contextos dialógicos outros que lhes são anteriores e à historicidade, não apenas aquela instituída pelo discurso hegemônico do branco, mas também a que remete à vida do outro-negro, conforme pudemos constatar a partir das contranarrativas dos ex-escravizados apresentadas anteriormente. O terceiro fator característico das relações dialógicas, a atitude responsiva ativa, é o enunciado concreto de Bruce que, em forma de desacordo, contrapõe-se à versão hegemônica dos fatos, isto é, situa-se contrário ao posicionamento axio-ideológico da referida médica: sua voz negra, ou seja, sua verdade *pravda* posiciona-se como denúncia frente ao racismo médico que culminou no falecimento de sua esposa.

Na sequência, conforme nos relata a C6, temos a voz de Johnson, viúvo de Kira - uma jovem afrodescendente, cuja vida, assim como a de Ambar e de tantas outras mulheres negras (ex)escravizadas e libertas, foi ceifada por negligência médica devido ao racismo estrutural que, como um tumor maligno, perpetua-se através das instituições (numa dimensão macro) e de cada sujeito racista (numa dimensão micro), mantendo viva, portanto, uma lógica de exclusão racial. Eis o que nos desvela o enunciado de Johnson:

**Contranarrativa 06:** Johnson, o esposo de Kira<sup>29</sup>

“Era para ser uma cesária de rotina por recomendação médica. Esperávamos que fosse o dia mais feliz de nossas vidas, tornou-se um pesadelo absoluto. Kira não foi vista nem valorizada como um ser humano. Ela não foi vista da mesma forma, nem com a mesma compaixão e empatia pelas pessoas que se responsabilizaram por sua vida, como eles viriam suas próprias filhas, esposas e irmãs. Não há razão para que ela não esteja aqui hoje”.

O posicionamento axiológico da equipe médica para com o processo de parto de Kira caracteriza-se fundamentalmente pela negligência e desprezo em relação ao outro-negro. A concepção colonialista monologizante dos *ingroups* que se perpetua até o presente e que desumaniza esse sujeito não-branco, visto considerá-lo como um animal ou coisa, torna o branco

<sup>29</sup> Kira veio a óbito devido à negligência médica durante o parto em 2016. Felizmente seu bebê sobreviveu.

racista insensível a qualquer evento trágico que acometa o negro, neste caso, a grávida negra. A cruel constatação dos experimentos de James Morrison Sims, ocorrida no cronotopo oitocentista estadunidense, reverbera nas relações dialógicas da nossa contemporaneidade: Kira não foi vista como um ser humano, mas sim como um ser posto no mundo para servir àqueles que, falsamente, representam a humanidade, isto é, ao branco.

A contranarrativa de Johnson é demarcada pelo dialogismo, ao se contrapor a valorações dos enunciados da branquitude, apontando, portanto, para a heterogeneidade discursiva (Almeida; Viana, 2020). Faz-se importante pontuar que essa heterogeneidade não abarca apenas a oposição binária entre o eu-branco e o outro-negro, mas se manifesta igualmente nos diversos modos simbólicos de desumanização presentes no discurso social, como a reificação do negro que culmina na falta de empatia e na negligência médica. Ademais, essa mesma contranarrativa também sinaliza para a urgência do reconhecimento do povo negro como pessoas merecedoras de direitos, respeito, atenção e tratamento dignos - inclusive na área médica.

A C7, narrada por Katherine Mary, não difere muito das contranarrativas contemporâneas apresentadas até então, contudo, diferentemente do destino de Ambar e de Kira, Katherine conseguiu sobreviver à experiência traumática, de dor e desprezo, vivenciada durante seu momento de parto. Essa jovem mãe negra, por ser uma *tiktoker* estadunidense, apresenta sua contranarrativa nessa plataforma, e o canal *Indiscutível com Dr. Rashad Richey* republica-a, incluindo comentários sobre o fato narrado. Eis o que nos conta a contranarrativa de Katherine.

**Contranarrativa 07: Katherine Mary**

“[...] com 35 semanas de gestação, você disse ao seu chefe que você tinha dores nas costas e que queria ir para casa e ele te pediu para aguardar uma hora. Então você vai ao banheiro e sente uma dorzinha no meu estômago [...] sai do banheiro e as dores intensificam-se 500 vezes. Você começa a gritar e alguém liga para 911 [...]. Ao chegar no hospital, colocam você numa sala de trabalho de parto [...] e a enfermeira de plantão lhe diz para você descrever sua dor. Você começa a chorar dizendo exatamente quanta dor você sente e ela manda você se calar porque ela está digitando, então você tenta se calar, mas você sente tanta dor que começa a gritar, dizendo a ela “Por favor, me sinto como se eu fosse morrer. Por favor, ajude-me.”, e ela lhe diz que se você não se calar ela vai sair da sala. Então, baixinho, você implora a ela “Por favor, não saia da sala”, [...] que apenas lhe ajude [...] Ela lhe diz que você está fingindo para (receber) medicação para dor e que você precisa dizer a eles que tipo de drogas você consome. Você esclarece que, na verdade, você nunca consumiu drogas na sua vida.

Nessa contranarrativa, a narradora faz uso da segunda pessoa do singular, você, estratégia discursiva estilística que produz efeito de imersão no leitor, ou seja, objetiva contar o fato

diretamente ao leitor/ouvinte, envolvendo-o de tal forma que ele se sinta parte da narrativa. Nesse caso específico, foi a maneira que Katherine encontrou para sensibilizar, ainda mais, o ouvinte acerca da sua experiência de violência obstétrica oriunda do racismo médico. O sujeito-outro sensível, que escuta a contranarrativa de Katherine, envolve-se de tal maneira com os fatos narrados que parece também experimentar as emoções e os sentimentos que ela compartilha. O dizer dessa jovem mulher afro-estadunidense corrobora a constatação da pesquisa de Chamber *et al.* (2022), sobre a considerável redução do tipo e nível de suporte e de assistência médica que as mulheres negras recebem, em comparação com as mulheres brancas. O “estigma da gravidez racializada”, termo usado por Mehra *et al.* (2020), é visível na contranarrativa de Katherine; o julgamento negativo, através da suposição que ela era uma usuária de drogas, provoca um sentimento de desvalorização que culmina no estresse da paciente. Conforme nos elucidam esses pesquisadores, esse estado físico-emocional favorece para que haja um índice elevado de resultados precários acerca da gravidez dessas mulheres.

Nessa lógica, a C7 serve como um enunciado concreto dialógico que atesta o que explicita o quinto princípio da TCR, qual seja, “o reconhecimento do conhecimento experiencial de pessoas negras<sup>30</sup>” (Tate, 1977, p. 235, tradução nossa). Os sujeitos negros, pertencentes aos *outgroups*, têm discernimento sobre a importância de suas contranarrativas como forma de sobrevivência e de liberdade (Delgado, 1989); assim, esse gênero discursivo configura-se como instrumento de luta para a autopreservação psicológica, e também como uma forma de amenizar a opressão proveniente do estado de subordinação gerado pelo racismo estrutural. Nota-se, também, que os enunciados discursivos provenientes da ideologia racista localizados em nossa contemporaneidade são ecos das interações dialógicas construídas em tempos pretéritos marcados pelo sistema escravagista.

Ainda sobre dialogicidade, a contranarrativa de Katherine, além de abarcar o recurso narrativo de segunda pessoa, como forma de sensibilização do outro negro e branco, também contempla o discurso direto, “Por favor, me sinto como se eu fosse morrer. Por favor, ajude-me.” e “Por favor, não saia da sala”, estratégia que não só dá voz ao narrador, que neste caso sugere ser o próprio ouvinte de sua narrativa, mas também torna a contranarrativa mais vívida. Destarte,

<sup>30</sup> “[...] recognition of the experiential knowledge of people of color [...]”.

sendo o endereçamento discursivo elemento fundamental do enunciado concreto (Bakhtin, 2011 [1979]), a contranarrativa de Katherine aponta para atitudes responsivas ativas futuras antirracistas, sejam por meio de respostas escritas, como comentários ao seu vídeo no *TikTok* ou ao vídeo do canal *Indiscutível com Dr. Rashad Richey*, respostas orais ou ações comprometidas com a equidade racial.

### Considerações inacabadas

A partir de nossa pergunta de pesquisa, objetivamos analisar as relações discursivo-dialógicas entre as contranarrativas estadunidense de ex-escravizados e de mulheres negras grávidas na contemporaneidade, no tocante à realidade racista de violência obstétrica, por elas vivenciadas nos Estados Unidos, sinalizando para a potencialidade desse gênero discursivo como elemento que se contrapõe ao a-historicismo tecido nos fios discursivos da ideologia branca.

Nossas investigações evidenciaram que as contranarrativas da negritude se apresentam como potencialmente divergentes à voz dominante do sujeito branco, tecendo fios enunciativos discordantes que desvelam a verdade *pravda* do sujeito negro, independentemente do cronotopo - seja ele no período histórico oitocentista ou na contemporaneidade estadunidense. Nesse sentido, as vozes dialógicas dos ex-escravizados descortinam signos ideológicos que refletem e refratam a realidade escravagista: termos como *cocho*, *trabalho* e *açote* sinalizam para a dualidade de sentidos, a depender do posicionamento axio-ideológico dos interlocutores: o eu-branco e o outro-negro.

Quanto às atitudes responsivas ativas observadas, que contrapõem-se à história única do sujeito branco, portanto à a-historicidade hegemônica, constatamos a variabilidade delas: seja no contexto imediato, como respostas orais aos questionamentos dos entrevistadores que buscavam conhecer a outra versão da história colonial de escravização, isto é, a verdade *pravda* do negro; seja no contexto mais amplo, através da responsividade de efeito retardado, como a contranarrativa de Bruce que, ao relatar a má assistência médica, causa do óbito de sua companheira negra grávida, a partir da sua perspectiva enunciativo-ideológico-negra, denuncia o descaso dos sujeitos que compõem as instituições de saúde estadunidenses.

No tocante às relações dialógicas, percebemos o vínculo ideológico entre as experiências oitocentistas narradas pelos ex-escravizados e a realidade contemporânea das grávidas negras no contexto estadunidense. A insensibilidade e a negligência para com o momento do parto dessas

mulheres; a reificação do corpo feminino negro, prestes a parir um novo ser humano; a desumanidade do outro-negro perpetuando-se através do discurso monologicamente egoístico da branquitude racista, são marcas discursivas indelévels que asseguram, indubitavelmente, a conexão entre o passado e a atualidade, contrapondo-se ao a-historicismo racista que busca constantemente assegurar, a qualquer custo, a presença imperativa do enunciado concreto hegemônico da branquitude.

Retomando hooks (2020), que sinaliza para a importante função da narrativa negra, a de retomar histórias anteriores, atuais e/ou futuras; Evaristo (2020), que compreende o narrador como representante da potente coletividade negra, e Delgado (1989), que reconhece a prática do dizer de si do negro como uma maneira de autopreservação físico-psicológica e de mitigação da violência opressora do branco contra o negro, salienta-se que a contranarrativa não só demarca nitidamente a realidade não contada pela história ocidental colonialista, mas é fonte rica de vozes da negritude que, embora violentadas pelo sistema de saúde estadunidense, permanecem inquebrantáveis e energéticas na luta pelo direito da mulher negra ser reconhecida como um ser humano merecedor de toda estima e cuidado da equipe médica que esteja a postos para lhe ajudar no momento delicado do parto.

Por fim, considerando que a linguagem é elemento fundamental para a comunicação social e que, longe de ser neutra, é usada para demarcar posicionamentos axio-ideológicos originários de diferentes instâncias sociais, representando, portanto, instrumento de luta entre o eu e o outro, as contranarrativas, mais do que nunca, precisam persistir como forma de enfrentamento das vozes dissonantes da branquitude que insistem em negar o direito à vida humana da mulher e do homem negro. Ademais, somando-se às vozes aqui analisadas, este trabalho, como enunciado concreto que desvela a verdade *pravda* dos autores, representa nossa contribuição dialógica que objetiva provocar atitudes responsivas ativas em prol da luta antirracista.

## **Informações complementares:**

### **a) Declaração de contribuição das autoras e dos autores:**

*Os dois autores participaram do planejamento e da escrita do presente trabalho. Telma Sueli Farias Ferreira coletou os dados e elaborou a parte teórica e analítica. Manassés Moraes Xavier responsabilizou-se pela produção da introdução e das considerações finais, bem como pela revisão geral do manuscrito.*

**b) Disponibilidade de dados de pesquisa e outros materiais:**

A geração de dados para a constituição do corpus a ser analisado partiu de duas fontes. A primeira diz respeito ao livro “Nascidos na Escravidão: depoimentos norte-americanos”, (Parron, 2020). Dessa obra, os dados a serem analisados são quatro contranarrativas cujos relatos fazem referência à realidade violenta, cruel e desumana vivenciada pelas grávidas escravizadas estadunidenses em fins do século XVIII e durante o século XIX. A segunda parte do corpus remete a vídeos do Youtube, especificamente dos canais ABC News e Indiscutível com o Dr. Rashad Richey, que contêm narrativas relacionadas às experiências de descaso de instituições hospitalares para com mulheres negras no cronotopo dos Estados Unidos em pleno século XXI. A partir dos vídeos, os dados para análise são três contranarrativas: as duas primeiras provêm da ABC News, publicadas em 2020, e são narradas por companheiros das vítimas, visto que, infelizmente, as gestantes vieram a óbito; a última contranarrativa, que faz parte do acervo do canal Indiscutível com o Dr. Rashad Richey, é narrada pela própria vítima que, felizmente, sobreviveu ao parto. Nesse sentido, o critério de escolha dos referidos dados deu-se pela temática abordada que remete às questões sobre a violência obstétrica durante o parto de mulheres negras estadunidense no contexto passado e atual.

Seguem a referência do livro e os links dos vídeos:

**Obra:** PARRON, Tâmis. (Org.). Nascidos na Escravidão: depoimentos norte-americanos. São Paulo: Hedra, 2020.

- Jordon Smith (Texas, p. 49) Contranarrativa 01
- Louise Everett (Flórida, p. 71-72) Contranarrativa 02
- Claiborne Moss (Arkansas, p. 103-104) Contranarrativa 03
- Lucy Brown (Carolina do Norte, p. 124) Contranarrativa 04

Jornal: ABC News

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=FAPT8ywaCvA>

Lugar e ano: Nova York, 2020

- Bruce (1:08-1:35) Contranarrativa 05
- Johnson (6:49-7:23) Contranarrativa 06

Canal do Youtube: Indiscutível com o Dr. Rashad Richey

Link: [https://www.youtube.com/watch?v=ot\\_mhQstZYE](https://www.youtube.com/watch?v=ot_mhQstZYE)

Lugar e ano: Atlanta, 2022

- Katherine Mary (0:10-1:07; 1:39-2:02) Contranarrativa 07.

**c) Declaração de conflito de interesse:**

Declaramos não haver conflitos de interesse.

**d) Avaliação por pares:**

- ✓ **Avaliador 1:** Eliane Fernandes Azzari (aceitar)

O trabalho apresenta uma discussão atual e muito relevante, bem pautada, teoricamente embasada e muito bem escrita. A abordagem metodológica, ancorada na abordagem dialógica da linguagem, está bem fundamentada e adequadamente exposta, oferecendo um bom exemplar de dispositivo teórico-analítico e somando-se à relevância da publicação para o campo de estudos abordado neste periódico.

- ✓ **Avaliador 2:** Tatiana Aparecida Moreira (correções obrigatórias)

*Destaca-se a relevância de se dar visibilidade às contranarrativas da e sobre a mulher negra gestante no contexto estadunidense como forma de enfrentamento ao perigo da história única, tal qual aponta Adichie. Assim, apontamos que há ajustes necessários a serem feitos, na análise, tendo em vista que a articulação com a teoria bakhtiniana, em muitos momentos, não ficou adequada nem com a proposta do artigo nem ao que os teóricos do Círculo de Bakhtin e comentadores apresentam. Dessa forma, para o artigo ser publicado, as correções devem ser realizadas.*

## Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, Maria de Fátima; VIANA, Janielly Santos de Vasconcelos. Dialogismo. In: PEREIRA, Sônia Virginia Martins; RODRIGUES, Siane Gois Cavalcanti. (Orgs.). **Diálogos em verbetes: noções e conceitos da teoria dialógica da linguagem**. São Carlos: Pedro e João, 2020, p. 51-55.
- ARÁN, Pampa Olga. Dialogismo e produção de sentido. In: ARÁN, Pampa Olga. **A herança de Bakhtin: reflexões e migrações**. Campinas: Mercados de Letras, 2024, p. 95-105.
- ARNOLD, Jaylynn Chantel. **Black maternal mortality: a result of the haunting past**. Graduation Work. University of Washington, Tacoma. Psychology, June 2023. Disponível em: [https://digitalcommons.tacoma.uw.edu/gh\\_theses/93/](https://digitalcommons.tacoma.uw.edu/gh_theses/93/). Acesso em: 30 mar. 2025.
- BAKHTIN, Mikhail. As formas do tempo e do cronotopo no romance: um ensaio de poética histórica. In: MIKHAIL, Bakhtin. **Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo**. São Paulo: 34, 2018 [1973], p. 11-216.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011 [1979].
- BARBOSA, Jeniffer de Oliveira; XAVIER, Manassés Moraes. Relações dialógicas em comentários on-line no instagram: a interação discursiva em foco. In: SANTOS, Eliete Correia dos. et al. (Orgs.). **Práticas sociais de linguagem na sociedade contemporânea em rede**. São Paulo: Mentis Abertas, 2023, p. 145-157.
- CHAMBER, Brittany D. Clinicians' perspectives on racism and black women's maternal health. **Women's Health Reports**. vol. 3.1, 2022. Disponível em: <https://www.liebertpub.com/doi/pdf/10.1089/whr.2021.0148>. Acesso em 31 mar. 2025.
- DELGADO, Richard. Storytelling for oppositionists and others: a plea for narratives. **Michigan Law Review**, vol. 87, n. 8, Legal Storytelling, p. 2411-2441, 1989.
- DELGADO, Richard; STEFANCIC, Jean. **Teoria crítica da raça: uma introdução**. São Paulo: Contracorrente, 2021.

EVARISTO, Conceição. A escrituragem e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. (Orgs.). **Escrituragens**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 26-46.

FARACO, Carlos Alberto. Criação ideológica e dialogismo. In: FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009, p. 45-97.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

HOOKS, Bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

LISTER, Rolanda Lamora *et al.* Black maternal mortality. the elephant in the room. **World J Gynecol Womens Health**. 2019. Disponível em: <https://irispublishers.com/wjgwh/pdf/WJGWH.MS.ID.000555.pdf>. Acesso em 01 abr. 2025.

MEHRA, Renee. *et al.* Black pregnant women “Get the most judgment”: a qualitative study of experiences of black women at the intersection of race, gender and pregnancy. **Womens Health Issues**, 2020 ; 30(6): 484–492. Disponível em: <https://europepmc.org/backend/ptpmcrender.fcgi?accid=PMC7704604&blobtype=pdf>. Acesso em 05 abr. 2025.

ODEMS, Dorian Sheryce. *et al.* “It seemed like she just wanted me to suffer”: acts of obstetric racism and birthing rights violation against black women. **Qualitative Research in Health**. Dec, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ssmqr.2024.100479>. Acesso em: 10 abr. 2025.

OLIVEIRA, Amanda Maria de.; PEREIRA, Rodrigo Acosta. Cronotopo. In: PEREIRA, Sônia Virginia Martins; RODRIGUES, Siane Gois Cavalcanti. (Orgs.). **Diálogos em verbetes**: noções e conceitos da teoria dialógica da linguagem. São Carlos: Pedro & João, 2022, p. 45-49.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Rafael Domingos. **Vozes afro-atlânticas**: autobiografias e memórias da escravidão e da liberdade. São Paulo: Elefante, 2022.

PARRON, Tâmis. (Org.). **Nascidos na Escravidão**: depoimentos norte-americanos. São Paulo: Hedra, 2020.

SOUZA, Fábio Marques. *et al.*, Constituindo a base para uma análise dialógica do discurso da política externa brasileira. **Saberes**, Revista Interdisciplinar de Filosofia e Educação. Volume 23, n. 01, Jul 2023.

TATE, William Franklin IV. Critical race theory and education: history, theory, and implications. In: APPLE, M. W. (Ed.). **Review of Research in Education**. Washington, DC: American Educational Research Association, v. 22, p. 195-247, 1997.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado. In: VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**. São Paulo: 34, 2019 [1926], p. 266-305.

---

VOLÓCHINOV, Valentin. Os caminhos da filosofia da linguagem marxista. In: VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: 34, 2021 [1929].

XAVIER, Manassés Moraes. **Educomunicação em perspectiva dialógico-discursiva**. São Paulo: Mentis Abertas; Campina Grande: EDUF, 2020.